

### **Opaque alteridade o inferno do iglua**

El centro no es un punto.  
Si lo fuera, resultaría fácil acertarlo.  
No es ni siquiera la reducción de un punto a su infinito.

El centro es una ausencia,  
de punto, de infinito y aun de ausencia  
y sólo se acierta con ausencia.

Mírame después que te hayas ido,  
aunque yo esté recién cuando me vaya.  
Ahora el centro me ha enseñado a no estar,  
pero más tarde el centro estará aquí.

Roberto Juarroz. Poesía vertical 16.<sup>1</sup>

Esse centro ausente, que o significante cava como uma ausência inaugural, precisa ser recriado para não nos adormecer no “inferno do igual”, um avernus obediente à lógica do Todo que Byung-Chul Han soube detalhar tão bem.

Na palavra aninha-se a matéria e seu vazio, seu poder reside tanto no pedaço<sup>2</sup> de real que ela é capaz de prender quanto naquilo que a excede e a ausenta de si mesma, por meio da opacidade que lhe é própria.

Assim, o que o golpe da linguagem implanta como alteridade radical, fundando o inacessível, deixa como resíduo fora daquilo que acompanha a palavra, um vazio de significação, que se abre para a dimensão daquilo que nunca deixará de encontrar escrita, o real que chamamos de Não relação sexual, assim como também nos abre para

---

<sup>1</sup>Roberto Juarroz: *Poesía vertical*, Ed. CATEDRA Letras Hispánicas, Madrid, 2014, pág 133.

<sup>2</sup> Jacques Lacan: Seminario XXI: *Les noms du père*, classe del 23 de abril de1974.

uma dimensão do real, à espera de que algo deixe contingentemente de não ser escrito, para que uma letra como cunho do impossível escreva uma borda.

Mas o Inferno do igual bane toda possível alteridade...

aquilo que a opacidade do gozo presentifica na mais irredutível singularidade que se aninha em cada pessoa,

aquilo com que o Outro do sexo nos confronta,

aquilo do inconsciente que nos torna seres parasitariamente falados, esvaziando toda mesmidade,

aquilo do significante que o revela como desigual a si mesmo, dando origem ao tropeço que erra,

aquilo que nos impede de fagocitar ou destruir o outro, ignorando o próximo e anulando até mesmo o semelhante, tornando-o infernalmente igual, fingindo ser idêntico ou exigindo seu extermínio como uma “solução final” para o que retorna como estranho.

Nos tempos atuais, a palavra apressada, solidária a um imperativo de bem-estar, anseia por se desvincular de sua dimensão de verdade, em busca da promulgação de um saber que não falha, por se colocar como certo, perdendo assim o agulhão que impulsiona a ressonância da ausência que a habita e torna cada palavra nada mais que opaca para si mesma.

A IA condensa todo um todo de saber e de gozo. Sob sua promessa do mais fiel respeito à singularidade de cada um de nós, ela oferece A resposta sob medida, graças à possibilidade de nos algoritmizar por meio das infinitas informações que, como generosos escravos, oferecemos no exercício de nossa suposta “liberdade”. Entretanto, ao lado da oferta de respeito absoluto à singularidade, trafega como passageiro clandestino uma resposta que aspira a uma palavra sem resto, na pretensão de suprimir o equívoco que nos constitui, tanto quanto nos enreda.

Assim, fora da lógica do *Eteros*, que se sustenta na incompatibilidade do Um com o Ser<sup>3</sup>, nos é oferecida, por meio de sentidos bem-sucedidos, uma coesão desproporcional de unicidade com a imagem, que está longe de restabelecer a dimensão do impossível, e de consentir com a alteridade do outro, *lo ajeno*, do estranho, que é tanto a causa do mal-estar quanto a salvaguarda do tornar-se Um consigo mesmo, uma posição tão perigosamente semelhante ao totalitarismo. Essa *unicidad* esmaga o enigma que faz sentido, um sentido sempre em fuga, aniquila a incomensurabilidade da diferença, o efeito da mais absoluta alteridade.

---

<sup>3</sup> Jacques Lacan: *L'etou dit*, Publicación Escuela Freudiana de Buenos Aires y Escuela de Psicoanálisis Sigmund Freud de Rosario, exclusivamente para circulación interna, pág 33.

Com a religiosidade neurótica, por meio de uma aliança amorosa com o pai, fiéis crentes na esperança da possibilidade de iluminar completamente toda a opacidade, chegamos a nos declarar devotos praticantes daquilo que promete erradicá-la, tornando-nos, assim, seguidores daquele Deus que garante o cálculo, que promove uma tentadora captura de identidade com o clique de um botão.

Na medida em que o sujeito não quer nada além de se destacar desse resto inassimilável, em sua ambição de dizê-lo inteiramente, ele se rende com fascínio à IA, pois ela parece realizar a relação, fazendo com que as palavras e as coisas finalmente pareçam copular. O significante parece abandonar seu caráter de *semblante* e, reforçando sua insensatez com uma astúcia insana, ele liga o *au-sense* que procura refutar, colocando em risco o próprio fundamento da existência de todo sujeito: o traço que o determina, a falta de ser que o habita, o vazio inaugural que o anima.

Essa resposta sem resto, a mercantilização dos sentidos plenos que aspira domesticar o sintoma e erradicar o mal-estar, a ilusão de eficiência e eficácia que pretende tornar inexistente a Não-relação, suturá-la de tal forma que tudo entraria algoritmicamente na representação, tornando a palavra tão pueril quanto inócua, não deixa espaço para esses pequenos toques de linguagem, para essas invenções que escapam ao traduzível na língua do Outro, pois mesmo que sejamos estrangeiros à *lalengua* da qual não podemos nos exilar, já que estamos apenas imersos no labirinto de palavras<sup>4</sup> do qual não conseguiremos escapar, devemos ser capazes de habitar esse mundo-palavra e esses pequenos toques que cada um imprime nele nos permitem habitar essa *extranjeridad* íntima, que é ao mesmo tempo perturbadora e pacificadora.

Cedo a palavra ao poeta "Essas invenções batem nas entranhas da língua e trazem de volta balbucios e brisas da infância como uma lembrança da palavra que veio de fora, tocou o bebê em seu berço e abriu uma ferida que nunca fechará. Essas novas palavras não são talvez uma vitória contra os limites da linguagem?"<sup>5</sup> Juan Gelman

Ela morreu de falência multiorgásmica" foi o local da falência de múltiplos órgãos que acabou com a vida da mãe de uma mulher de 54 anos, que ainda vive com uma de suas irmãs na casa de sua infância e cuja mãe lhe negou qualquer acesso à exogamia e, portanto, a um encontro com um parceiro sexual. O tropeço intermitente, um despertar fugaz do sonho de significado, sexualidade e morte, permite contingentemente o encontro com o real do Não-relação. Ao contrário do saber absoluto que a IA oferece sem a possível ruptura do eclipse que nos coagula no *uni-verso*, o acento no fazer desse

---

<sup>4</sup>*Ibid*, pág. 19.

<sup>5</sup> Juan Gelman: *Discurso pronunciado al recibir el premio Cervantes*, 23 DE ABRIL DE 2007

inconsciente artesão da *lalengua* reinjeta na palavra que pretende ser plena esse eco do vazio, esse centro sempre ausente, mantendo aberta a fenda que revela que o saber é enganoso em relação ao real que ele cobre.

A palavra é tórica, desde que seja sustentada por um corpo falante. As palavras maquínicas sem corpo expulsam o *lenguajero*, sem contar com o *oquedad* necessária para que a matéria sonora ressoe como um eco pulsante de um dizer. Rejeitando o real, elas degradam o poder do simbólico ao negar seu núcleo (kern) impossível, feito de ausência, necessário para a abertura à multiplicidade de sentidos arejados. Sem esse buraco que sempre permanece como inapreensível, o desejo seria extinto.

O “fracasso multiorgástico” *retorifica* a palavra, inoculando-a com aquele sopro de vazio - do qual François Cheng fala maravilhosamente -, ao mesmo tempo em que arranca um beliscão do real. Esse tropeço, como uma produção vacuolante, relança novos sentidos ao se chocar com aquela significação sempre ausente que *insufila* o vazio.

Testemunha da incidência do impacto do significante no corpo como um evento da maneira singular com que a palavra morde a carne, o sintoma, entusiasta fervoroso da gula do significado, exigirá uma leitura que, sem ignorar as necessárias reviravoltas da dialética, se baseie no asemântico, se baseia no asemântico, a fim de encerrar, com a materialidade da escrita, a falta de sentido de seu gozo opaco

Uma vez que o véu que a história tece tenha sido suficientemente rasgado, cobrindo o gozo a-semântico do sintoma com fantasmática semântica, será necessário identificá-lo<sup>6</sup>, tendo perfurado seu significado, identificá-lo, tendo perfurado seu sentido de verdade, confrontará um saldo inefável que permanece na perpetuidade, dando espaço à possível realização do ser, se é que existe, como um nada na dimensão do simbólico, e como o mais intransferível desse *‘bien arreglárselas haciendo’* com o gozo no sinthoma e seu singular fx de nó, que, longe de deixar o sujeito na mais absoluta solidão, torna possível um bom vínculo com o outro e, conseqüentemente, com o outro que não se coagula em um nós.

Quanto mais tentarmos nos livrar da opacidade que nos habita, para fechar a fenda inescapável que ela abre e nos divide, mais ferozmente ela retornará, marinando temerosamente na tirania do gozo, convidando o real a se descontrolar.

Essa alteridade opaca não é a própria *estofa* do sinthoma, cujo consentimento faz com que esse resto não seja mais um ativo malcheiroso?

Se apenas o dizer amarra, será necessária uma fala sintomática, que cava o buraco esvaziando o vazio. Assim, a psicanálise devolve ao sujeito seu *oquedad* primordial, esse

---

<sup>6</sup>Diferente de identificar-se ao sintoma.

centro ausente, no qual pulsa ao mesmo tempo o desejo e a presença viva do não mortificado. Isso só será possível se cada um escrever seu silêncio nesse vazio inconquistável.

Liza Alberdi

Lazos Institución Psicoanalítica de La Plata